

**CONVERSAS ACERCA DA CIRCULAÇÃO CIENTÍFICA DO QUE É PRODUZIDO
NAS UNIVERSIDADES EM OUTROS ‘ESPAÇOSTEMPOS’ EDUCATIVOS**

CONVERSATIONS ON THE CIRCULATION OF SCIENTIFIC RESEARCH PRODUCED
IN UNIVERSITIES IN OTHER EDUCATIONAL 'SPACE-TIMES'

CONVERSACIONES SOBRE LA CIRCULACIÓN CIENTÍFICA DE LO QUE SE
PRODUCE EN LAS UNIVERSIDADES EN OTROS ‘ESPACIOSTIEMPOS’
EDUCATIVOS

Nilda Alves¹ 0000-0003-0558-4175

Noale Toja² 0000-0002-1207-2795

Alessandra Nunes Caldas³ 0000-0002-2103-6948

¹ Universidade do Estado Rio de Janeiro – Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil;
nildag.alves@gmail.com

² Universidade do Estado Rio de Janeiro – Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil;
ffpuerj.noaletoja@gmail.com

³ Universidade do Estado Rio de Janeiro – Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil;
nunesaldas@hotmail.com

RESUMO:

Nesse artigo desenvolvemos, em uma conversa, uma das temáticas que tem sido preocupação no grupo de pesquisa: a circulação científica. Questão trabalhada por Caldas em sua dissertação de Mestrado, em 2010, e desenvolvida em sua tese de doutorado (2015), tem sido bastante trabalhada indicando que consideramos que os ‘conhecimentossignificações’ criados em nossas pesquisas circulam pelas diversas redes educativas que formamos e nas quais nos formamos. Essa circulação com múltiplos ‘praticantespensantes’ tem sido por nós entendida como necessária de ser conhecida para que as pesquisas na área continuem e se ampliem. As conversas – nos diversos meios nos quais são produzidas - em torno do que se cria nas universidades no campo da Educação precisam ser acompanhadas pois nos fornecem condições preciosas de continuidade.

Palavras-chave: circulação científica; conversas; cotidianos.

ABSTRACT:

In this article, through a conversation, we explore one of the topics that has been of concern to the research group: circulation of scientific knowledge. This topic, addressed by Caldas in his 2010 Master's dissertation and further developed in his 2015 doctoral thesis, has been extensively explored, which indicates that we consider that the ‘knowledgemeanings’ created in our research circulate through the various educational networks we form and in which we are trained. We also consider that understanding this circulation between multiple ‘practitionersthinkers’ is essential so that research in this area con continue and expand. It is necessary to monitor the conversations—in the various media where they occur—regarding the research produced in universities within the field of Education, as they provide valuable conditions for continuity.

Keywords: circulation of scientific; conversations; daily life.

RESUMEN:

En este artículo, a través de una conversación, desarrollamos una de las temáticas que ha sido de preocupación en el grupo de investigación: la circulación científica. Esta cuestión, trabajada por Caldas en su disertación de maestría, en 2010, y desarrollada en su tesis de doctorado (2015), ha sido ampliamente trabajada, señalando que consideramos que los 'conocimientos significaciones' creados en nuestras investigaciones circulan por las diversas redes educativas que formamos y en las cuales nos formamos. Esta circulación con múltiples 'practicantes pensantes' fue entendida por nosotros como algo que resultaba necesario conocer para que las investigaciones del área continúen y se amplíen. Las conversaciones —en los diversos medios en que se producen— en torno a qué se crea en las universidades en el campo de la Educación deben contar con acompañamiento, pues nos proveen preciosas condiciones de continuidad.

Palabras clave: circulación científica; conversaciones; cotidianos.

Começamos por explicar que, há muitos anos, entendemos que se conversa muito nos cotidianos e que nas escolas não é diferente. Assim, assumimos as conversas como locus principal de trabalho nas pesquisas que realizamos: conversamos com as/os docentes, em especial, e com diretoras/diretores de escolas também. Algumas/alguns de nós com as/os estudantes.

Desse modo vamos trazer, nesse texto, uma conversa entre suas autoras para trabalhar uma questão que nos acompanha há muito: a importância da circulação daqueles 'conhecimentos significações'¹ que criamos ao pesquisar com docentes e, em geral, com os 'practicantes pensantes' (Oliveira, 2012) das redes educativas (Alves, 2019) com que trabalhamos.

Escolhemos conversar acerca dessa questão, porque acreditamos que ela está ainda pouco trabalhada entre nós e porque percebemos, com intensidade, que as pesquisas em Educação só se completam quando atentamos para a "circulação científica" que se faz com o que é produzido nas universidades recebendo aquilo que se pensa nas outras redes educativas que formamos e nas quais nos formamos. Em outras palavras: como outros 'espaçostempos' educativos, em especial as escolas, usam o que é feito nas universidades e o que pensam acerca disso? Como questionam essa produção e como criam com isto?

Já em sua dissertação de Mestrado, Caldas (2010) lembrava que aquilo que produzimos se movimenta independentemente das circulações que podemos dizer "oficiais", especialmente, os artigos publicados em revistas da área ou relatórios de pesquisa feitos. Nessa dissertação, sua autora trabalhou com um jornal eletrônico criado no Laboratório de Educação, Imagens e

¹ Ao trabalhar nas pesquisas com os cotidianos, percebemos que as dicotomias, necessárias à criação das ciências na Modernidade, significam limites ao que precisamos 'fazer pensar' em nossas pesquisas. Assim, passamos a escrever os termos, dessa forma – juntos, em itálico e entre aspas simples.

Sons, (<https://www.labeisproped.uerj.br/ano-10-edicao-47-2025/>) do Programa de Pós-graduação em Educação/EDU/CEH/UERJ. Ela amplia esse pensamento ao formular sua tese de doutorado, em 2015, trabalhando com artigos publicados em Anais de dois congressos nacionais – do ENDIPE e da ANPEd. Seu trabalho foi feito usando a busca simples no Google, que era o que se tinha, naquele momento.

Em um artigo publicado recentemente, Alves, Caldas e Toja (2025) estendem essa busca a instrumental mais recente – a IA – e vão compreender e expor as possibilidades de busca para compreender essa circulação.

Essas autoras partem de dois pontos antagônicos, mas que se complementam, escrevendo:

[Com isso], “podemos então entender a IA como um auxiliar na resolução de problemas e no desenvolvimento de demandas em uma sociedade que, devido ao sistema capitalista vigente, cada vez mais usufrui do nosso tempo e capacidade” (Soriano; Santos, 2025, p. 3). Ao mesmo tempo que somos invadidos pela angústia e insegurança de perdemos terreno no campo profissional para as tecnologias em seus diferentes ‘*espaçostempos*’ na História da Humanidade, (...) aprendendo a lançar mão de nossas criações nas práticas cotidianas para subvertermos, no miúdo, esses sistemas de controles (idem, p. 65).

O artigo referido dessas autoras nos leva, então, ao estabelecimento de uma “comparação” entre a busca pelo Google e um dispositivo de IA, o ChatGPT, informando: “o Google nos responde levando a outros caminhos possíveis a serem seguidos. Ao fazer a mesma indicação (comando, *prompt*) ao *ChatGPT*, a informação (...) nos entrega textos acerca do que foi perguntado².

Mas, no que se refere ao uso que fizeram da IA, indicam:

A partir desse experimento, vamos observando a computação de número de acessos ao autor citado, quantas vezes a obra é citada. Diante dessa garimpagem e organização dos dados/informações, em como os textos são compilados, podemos arriscar em dizer que vamos tendo indicativo do seu impacto social, já que aquilo que está sendo compilado foi sendo nutrido pelo padrão formado pelas buscas, citações etc., condições favoráveis para formação da complexidade dessas redes estabelecidas pelas bases de dados alimentados pela ação humana em eterno processo de continuidade ou de repetição. Porém, como percebemos que onde há repetição, há criação (Alves, 2017), a própria máquina pode vir a criar (gerar enquanto aprendizagem “maquinica”) outros textos, mudando alguns conceitos e ideias orientadoras de

² O texto nos fornece exemplos desta diferença entre as páginas 66 e 69. Sugerimos a leitura do texto.

um modo de *'sentirpensar'* a partir de sua interpretação dos dados. Por isso, são fundamentais a leitura atenta e a checagem minuciosa das informações acerca das respostas desses “chats” generativos para identificar suas “criações” e incoerências com aquilo estamos pesquisando (idem, p. 69).

Tentando finalizar, o artigo referenciado lembra, então:

Para além do impacto social apresentado pelas métricas das redes tecnológicas – seja pelas buscas de Google ou pelos comandos das Inteligências Artificiais - há outros *'espaçostempos'* possíveis que superam a mera disseminação de informação, com impacto social qualitativo. São eles: as conversas/diálogos/conversação que se produzem em congressos da área, as leituras compartilhadas de textos nas salas de aula ou nos trabalhos de grupos de pesquisa, os usos desses textos como referencial teórico (...) [na escrita] de nossos artigos e em nossas pesquisas, filmes, podcasts, exposições (imagens, sons e afetos), dentre outros (idem, p. 69-70).

A partir dessa introdução, as autoras se reuniram, em 20 de fevereiro de 2026, para conversar com a questão da “circulação científica”, mobilizadora para a escrita desse artigo e que exigiu a introdução acima.

Eis a nossa conversa³ reproduzida, mas trabalhada para se transformar em texto escrito⁴:

A. – Gente, a minha proposta, então, é que desenvolvamos essa conversa em primeiro lugar, mostrando a potência da conversa. Como é que o encontro entre seres humanos produz conversas, e que isso tem um significado enorme para nós, na área de educação, porque todos os encontros em educação produzem conversas. E que é isso que permite, de fato, a circulação de conhecimentos entre nós, que é essa questão que a gente vem acompanhando há tantos anos, e produzindo *'conhecimentossignificações'*⁵ em torno deles. Ou seja, falar da potência da conversa, da potência dos encontros, da necessidade, ou melhor, da existência de circulação, porque isso podemos afirmar, que a circulação científica existe, e conversar um pouco sobre a necessidade que, em educação, nós temos que acompanhar essa circulação porque ela é riquíssima em possibilidades para nos dar pistas sobre aquilo que nós estamos pensando, com o que estamos trabalhando. Se a gente vai atrás do que aconteceu com o filme que nós criamos, com o artigo que escrevemos, com uma conversa de que participamos em um podcast, vamos

³ Transcrita por <<https://drive.google.com/file/conversas-autoras>>

⁴ Segue a conversa na sua oralidade. Lembramos que a passagem da oralidade à escrita muda significativamente a forma de expressão e mesmo o que é dito. Mas corremos o risco.

⁵ Trabalhamos com a ideia que nos cotidianos e nas ciências ao criarmos um novo conhecimento, criamos, ao mesmo tempo, significações para ele para disputas sociais com outros conhecimentos existentes.

ter a compreensão dos efeitos que aquilo está causando, sem dúvida, mas precisamos buscar mais: do retorno que as pessoas dão sobre o que entenderam daquilo, o que aquilo mudou na vida delas, o que aquilo possibilitou mudanças na sua ação pedagógica etc. E podermos continuar daí aquilo que pesquisamos.

C. – Pensando um pouco como essa história da circulação apareceu na minha vida: desenvolvendo o início minha pesquisa de Mestrado, fiz algumas entrevistas com docentes do Programa acerca da sua contribuição ao jornal que tínhamos começado a publicar no Laboratório em Educação, Imagens e Sons (LBEIS). Numa dessas entrevistas, com a Profa Raquel Barreto, ela nos perguntou: será que realmente os nossos artigos, as nossas publicações chegam em outras pessoas, em outros professores, em outros alunos, ou só nos nossos pares? Com a internet chegando à nossa vida, fui buscar resposta – com uma busca simples no Google – e fui surpreendida. Sim o jornal chegava em múltiplas redes educativas e as pessoas “respondiam” ao que se dizia nele.

A. – Lembrar essa pergunta, lá no início do processo, é importantíssimo.

C. – E a gente viu essa circulação que eu trouxe na minha dissertação e depois na tese já nela, com as reuniões anuais que frequentávamos na área de Educação: ANPED e ENDIPE. Pude perceber, melhor, essa circulação quando essas reuniões passaram a ser colocadas nas plataformas de Internet. Então, pudemos compreender, ainda, a importância dessas tecnologias nos processos de circulação. Como você lembrou: podemos achar que não mas esses ‘conhecimentossignificações’ estão ali e circulam, e trazem isso, pistas para as práticas seguintes nas pesquisas que desenvolvemos. Pudemos ver, então, isso acontecer no uso dos jornais em aulas, citações de dissertações, documentos de secretarias de Educação... E o mesmo com os textos que fazíamos para nos encontros. E atualmente com os filmes que criamos ou o podcast que começamos a fazer durante a pandemia, em agosto de 2020. Podemos encontrar essas produções e essas práticas, essas conversas circulando de diferentes formas, tanto na Internet como trazendo também para dentro das escolas, como práticas pedagógicas que acontecem nas escolas e que conversam com esses artigos ou com esses trabalhos acadêmicos, sejam apresentados em jornais ou em revistas ou em congressos.

T. – É engraçado quando você vai anunciando essa ideia da conversa, dessa potência da conversa, a potência do encontro, essas conversas como dentro dos processos de “circulação científica”. Percebi, então, que isso também se passa quando conversamos com os textos, com as nossas produções artístico-culturais, com as produções dos outros...tudo isso é circulação. São maneiras de fazer circulação científica na própria conversa que a gente vai tendo em torno

desses textos, desses filmes, dos podcasts. Essas questões que C. traz, também me ocorriam – e ocorrem: quem é que vai se interessar por isso? Nos grupos de pesquisa, na universidade, estamos pensando, descrevendo, conversando, discutindo, gostando do que fazemos. Mas isso vai para onde? Quando eu escrevia minha tese, eu ficava nessa coisa, vou escrever isso aqui, mas quem vai ler isso? Mas, quando a gente divulga, quando a gente promove encontros com esses materiais... e, às vezes, ele não precisa nem estar necessariamente lá na Internet, embora, hoje, é importante que esteja, e que a gente faça essa disseminação. Mas, muitas vezes, quando a gente leva para a sala de aula, a gente percebe a potência desses afetos que você fala, que você estava falando aí, nesse enunciado, quando a gente está lendo os nossos textos, eu levei a minha tese para trabalhar na sala de aula, levei os nossos livros, artigos dos membros/das membras do nosso grupo, e quando as pessoas têm contato com esse material e começam a fazer conexão com as suas experiências cotidianas, vamos compreendendo a potência das conversas, dos encontros, e como essa circulação acontece. Não, necessariamente, só pelos canais de comunicação, por essas mídias que vamos usando. Mas para a tal da métrica que vão usar neste quadriênio 2025-2028, elas são superimportantes.

C. – E como é que essas novas formas também produzem essas conversas, independente da distância física em que podemos estar. Ou dos diferentes '*espaçostempos*' em que atuamos. Como em todos eles, produzimos e criamos, vamos podendo fazer circular o que se '*vêouvesentepensacria*'. Se as conversas que fazemos podem, sim, reproduzir '*conhecimentossignificações*', podem produzir outros pensamentos, outros '*conhecimentossignificações*' – vemos isso acontecer todos os dias.

A. – Eu quero dar um destaque nisso aí. Quer dizer, não há dúvida que levar o conhecimento criado é obrigação do pesquisador/da pesquisadora. Não tem sentido o conhecimento ficar com a gente ou só no nosso meio, especialmente na área de educação, ele tem que se esparramar pela sociedade. Mas uma das coisas que eu acho que é importante ressaltarmos é que na área de Educação, e mesmo na área de ciências humanas em geral, o grande papel nosso é ouvir o que os outros estão dizendo acerca daquilo que está sendo produzido, ou seja, é compreender que os '*conhecimentossignificações*' aparecem, exatamente, nos contatos que pesquisadores/pesquisadoras têm, dos encontros que têm tantos com '*conhecimentossignificações*' de algum outro pesquisador/pesquisadora, quer com quem desenvolve práticas – e pensa, porque pensamos o tempo todo, em todos os espaços – produzindo '*conhecimentossignificações*' outras que, necessariamente, são úteis para nós. Ou seja, a gente não pode pensar que esse é um movimento só de ida, ele é de ida e volta. Foi por

isso que a ideia de “circulação científica” apareceu para C. Mas é precisamos compreender – e afirmar - que precisamos ter essa escuta, permanentemente, já que talvez nosso papel principal, como pesquisador/pesquisadora, é exatamente organizar o pensamento que está aí difuso na sociedade. As ciências humanas, os pesquisadores/pesquisadoras nas ciências humanas têm esse papel. As pessoas pensam sobre aquilo que estão vivendo, pensam sobre aquilo que estão lendo, que estão vendo em filmes, que estão ouvindo em podcasts, que estão vivendo na rua, que estão vivendo no bar, que estão vivendo no supermercado, e falam acerca dessas vivências. Precisamos estar atentas/atentos ao que dizem, para ouvir e compreender o que é dito. Organizando pensamentos com essa escuta. Esse é o papel, para mim, central nas ciências humanas e, em especial, na Educação. Ora, isto aí traz o quê? Traz que quando a gente produz alguma coisa, a gente tem que buscar o que outros pensam sobre aquilo. É central que a gente vá buscar o que as pessoas estão pensando sobre aquilo que a gente fez/faz.

C. – Por isso, afirmamos que, na Educação, muito mais do que divulgar, precisamos fazer circular cientificamente, aquilo de criamos. Importa, muito, o uso que se faz com aquilo que a gente colocou a circular.

T. – Fico observando que essa relação, para conseguirmos ter essa escuta, talvez precisemos pensar em algumas... incentivar algumas práticas dentro dos nossos próprios trabalhos e na circulação dos nossos próprios trabalhos. Como no podcast, a gente pode pedir para que as pessoas façam seus comentários ali, a partir daquilo que ouviu. Porque ali conseguimos, respostas (?). Se disponibilizamos algum material – texto, filme, podcast – vamos ter respostas. Pessoas entram, escutam as conversas, as reuniões, e comentam ali e em outros ‘*espaçostempos*’. As conversas se desdobram com outros grupos, outras pessoas, para além do grupo inicial. É muito interessante isso!! Esse movimento precisa ser acompanhado, pois se o fazemos, vamos observando que aquelas conversas, criadas a partir daquele material inicial, vão permitindo o surgimento de novos ‘*conhecimentossignificações*’ e que novos sentidos para as práticas realizadas vão sendo criados.

A. – De alguma forma, a “cineconversa”⁶, que é a metodologia básica do nosso grupo – denominação proposta por Rosa Helena Mendonça, efetiva isso. Estamos em conversas – nas “cineconversas” - com grupos variados: em Manaus; em Salvador e outros municípios da Bahia; em Vitória e Serra, no Espírito Santo; em Nova Friburgo, no estado do Rio de Janeiro. Esses

⁶ “Sendo assim, como a proposta de nossos encontros é a de conversar com o ‘*vistoouvidosentidopensado*’ nos filmes, sempre considerando o que cada um provocava no espectador (...) e, ainda, considerando nossa proximidade com a conversa como metodologia de pesquisa, optamos por denominar nossa prática de “cineconversas” e não mais de cineclubes.” (Mendonça, 2023, p. 1).

grupos, de muitas maneiras, vão tomando contato e se apropriando do material que foi produzido na conversa dos diversos grupos. E, com isso, temos a reverberação daquilo que a gente produziu por esses lugares tão diferentes do Brasil, levando à “circulação científica”, necessariamente. E é muito interessante como a sensibilidade e a maneira como o encontro se dá pode ser muito próximo e pode ser muito diferente, podendo produzir material diferente.

T. – É preciso ainda lembrar que quando fazíamos o artigo referenciado, percebi que quando a busca é feita pela IA, aparece onde está sendo usado, quantas pessoas citaram. Temos um panorama disso, mas ainda assim é uma métrica, você tem um número, você não tem exatamente a qualidade daquela conversa ali. Ou seja, isso não se pode ter, pelo menos, ainda não. Se pode obter outras coisas: as trocas que aconteceram com um texto publicado, por exemplo. Quantas pessoas foram ali, e às vezes até diz o texto que foi usado. Podemos ir lá e alguém usou o texto. E se escreveu algo, o que produziu. Isso pode ser genial para entender qual é o pensamento que aquela pessoa está desenvolvendo. Então tem outras formas de escuta que a gente pode usar.

A. – Agora, sem dúvida, a gente tem muito a compreensão de como é que a gente atinge e modifica práticas, mas eu acho que a gente ainda tem muito pouco, no nosso campo, a busca disto para um retorno a pesquisa em que está envolvida. Creio que precisamos, ainda, perceber como o nosso trabalho, há muitos anos, está nas conversas que se dão nas escolas e em outras redes. Vejam na nossa própria pesquisa, só recentemente estamos voltando ao material gravado das “cineconversas” para usá-lo nos filmes, artigos, podcast que criamos. Só agora nosso grupo foi convencido a usar esse material do arquivo. Ou seja, usando o que está sendo produzido nas “cineconversas” para produzir novos ‘*conhecimentossignificações*’ acerca das questões de nossas pesquisas. Desde o começo da primeira pesquisa com filmes – com “cineconversas” – isso era falado. Mas se preferia falar dos filmes e dos sentidos para nós. Enquanto isso, o gravado com as/os docentes do Brasil afora, ficava quieto. Afinal, no livro que estamos escrevendo, vencemos isso. E verdade seja dita, nos filmes apareceu mais cedo, embora só mais recentemente. Vencemos a recusa que havia – há? – entre nós. Imagina como isso deve funcionar para outros? Lembremos: os artigos produzidos na primeira fase se referiam aos filmes, a beleza dos filmes, ao que o filme dizia, a importância pedagógica daquele filme, a maravilha do roteiro, os sentimentos que despertavam em nós... No entanto, as/os colegas dos diversos grupos de docentes com que desenvolvíamos as “cineconversas” iam nos dizendo coisas. E quanto mais trabalhávamos juntos e vínculos de confiança iam se ampliando, mais coisas eram ditas. E era isso que procurávamos. Está ali o que nos devolviam para pensar. É

aquilo que está sendo trazido é que vai estar dando a continuidade da possibilidade da nossa pesquisa, porque senão é só um encontro. Agora, efetivamente, esses textos de registro gravados estão trazendo a circulação mesmo. Agora, a “circulação científica” está acontecendo.

C. – É isso, agora vamos a esses arquivos, buscar o que neles existe de “circulação científica” para continuarmos as pesquisas que fazemos. Revendo esses encontros gravados, vamos percebendo processos de diferentes apropriações, reorganizações de pensamento. Funciona, de certo modo, como quando releemos um artigo, e percebemos que outras ideias vão aparecendo para nós. Pois entre duas leituras, outras leituras e outros processos de pesquisa e vida aconteceram. Chegamos diferentes à releitura. E depois de tantos anos – afinal são três pesquisas, de cinco anos, nas quais as usamos⁷ – usando “cineconversas” chegamos aos arquivos delas diferentes.

A. – É essa volta às “cineconversas”, que nos coloca, permanentemente, em conversa, de modo sempre diverso, compreendendo outras coisas, desenvolvendo outras ideias, criando novos ‘*conhecimentossignificações*’. E voltar à conversa traz alguma coisa de valor efetivo para o uso na nossa pesquisa, fazendo-a se modificar. Como foi preciso tempo de uso da metodologia das “cineconversas” para que nosso grupo percebesse que isso era central. E isso já estava declarado em artigos e falas desde 2010⁸. Ou seja, há 15 anos atrás. E mesmo antes, se pensarmos em artigo publicado em 1999⁹. As ideias, como frutas precisam de tempo para amadurecer... Embora isso, teoricamente, tivesse declarado e discutido, mostrado que era possível – e necessário - ser praticado, exigiu um tempo para acontecer. Como essa ideia que você lembrou: ao retomar a um texto ele terá um mesmo sentido? Não. Ou seja, uma conversa que é retomada vai nos encontrar tendo passado por toda uma série de experiências no meio. Sabemos como isso é importante. Você vai reler um texto ou um livro, retomar um filme ou uma música, tendo passado por outros textos, filmes, músicas, por outras conversas, por outros debates, e aquilo te deu condições de abordar esse reencontro de maneira diferente – essa ideia, brilhantemente trabalhada por Deleuze (2018) em “Diferença e Repetição” e retomada naquele texto do Tomaz Tadeu (2002) que não conseguimos deixar de lado. Então, o uso das gravações das “cineconversas” também tem esse sentido.

⁷ *Redes educativas, fluxos culturais e trabalho docente — o caso do cinema, suas imagens e sons (2012-2017); Processos curriculares e movimentos migratórios: os modos como questões sociais se transformam em questões curriculares nas escolas (2017-2022); Currículos ‘praticadospensados’ nos cotidianos – criações curriculares para além da estrutura em disciplinas (2022-2027)*. Todos esses projetos tiveram o financiamento CNPq, CAPES, FAPERJ e UERJ

⁸ Referência ao artigo Alves (2010).

⁹ Referência ao artigo Alves (1999).

T. . – Eu estava pensando exatamente nisso. Quando assistimos aos filmes juntos, em uma sala, presencial, há o calor da emoção sentida juntos que impulsiona o conversar. Mas acaba caindo um pouco nessa relação do gostei, não gostei, o que é lindo, o que é isso, o que é aquilo. Quando a gente assiste sozinho e às vezes assiste mais de uma vez e vai e volta, e vai para a conversa, que é gravada, trazendo a leitura feita do texto que é indicado junto, o processo acaba sendo mais completo: *'lersentirpensarcriar'*. É interessante isto. Em especial agora que todas/todos lidamos bem com essa comunicação pela Internet. E com a gravação feita... ganha outra dimensão. Quando a gente volta à gravação, quando eu edito filmes – e já foram alguns - eu sinto isso. Consigo perceber que estamos juntos, que *'sentimospensamoscriamos'* juntos/juntas. Os filmes que criamos a partir das “cineconversas” são recebidos nas mostras com certa estranheza, no entanto. Esse pensar junto, trazer o pensamento do outro com a “circulação científica” pela qual lutamos, causa estranheza. Mas traz, também, a possibilidade de mais circulação: alguém que vem falar como o que *'viuouviusentiupensou'* trouxe novas ideias para a dissertação que está escrevendo, por exemplo. Mas esse processo precisa ser continuamente revisto. Eu mesma sou uma que quando vou escrever sobre uma “cineconversa”, primeiro vou falar do filme, como se o filme fosse a coisa principal ali, claro que a gente tem que dar uma contextualizada, mas ele acaba virando o personagem principal da história até a gente chegar realmente na “cineconversa”. Acho que isso está chamando atenção e é muito importante para a gente rever isso nas nossas escritas, principalmente agora.

A. – Exatamente, acho até que no primeiro dia de aula, deste semestre, a gente pode trazer isso. Agora, essa atenção que você chamou sobre a questão do registro, ou seja, da gravação, e a gente voltar uma vez e voltar outra vez, porque vai escrever sobre aquilo, é uma coisa interessante, porque mostra a potência que o artigo tem, no reconhecimento da criação de *'conhecimentossignificações'* por cada participante das “cineconversas”. Isso vai, efetivamente, produzir novos *'conhecimentossignificações'* no livro que estamos fazendo. Repetindo, essas novas tecnologias permitiram – mais ainda, nos obrigaram - especialmente no período de pandemia, a novas formas de comunicação e, portanto, nos habilitou a fazer de novos modos. Se as primeiras “cineconversas” que tivemos foram presenciais, e não foram gravadas, ou seja, não tiveram registro, na pandemia, mudando os *'espaçostempos'* e as tecnologias dos encontros ampliamos as articulações com outros grupos, gravamos e mudamos muito nossas formas de trabalho e de *'sentirpensarcriar'*. Precisamos reconhecer e pensar acerca de todos esses processos.

Referências

ALVES, Nilda. Sobre as redes educativas que formamos e que nos formam. *In*: ALVES, Nilda. **Práticas pedagógicas em imagens e narrativas** – memórias de processos didáticos e curriculares para pensar as escolas hoje. São Paulo: Cortez, 2019. p. 115-133.

ALVES, Nilda. Formação de docentes e currículos para além da resistência. **Revista Brasileira de Educação**, v. 22, n. 71, p. 1-18, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782017227147>. Acesso em: 03 mar. 2026.

ALVES, Nilda. Redes educativas 'dentrofora' das escolas, exemplificadas pela formação de professores. *In*: SANTOS, Lucíola; DALBEN, Ângela; DINIZ, Júlio; LEAL, Leiva (Orgs.). **Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente**: Currículo, Ensino de Educação Física, Ensino de Geografia, Ensino de História, Escola, Família e Comunidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 49-66.

ALVES, Nilda. Compassos e descompassos do fazer pedagógico. **Educação em revista**, n. 30, p. 65-76, 1999.

ALVES, Nilda; CALDAS, Alessandra Nunes; TOJA, Noale. A necessidade e as possibilidades de avaliar o impacto social nas/das/com as publicações que fazemos. **Revista Interinstitucional Artes de Educar**, v. 11, Número Especial "10 anos da Revista Interinstitucional Artes de Educar", p. 56-73, 2025. DOI: 10.12957/riae.2025.92627.

CALDAS, Alessandra da Costa Barbosa Nunes. **Circulação de ideias em pesquisas com os cotidianos: os necessários contatos entre os 'praticantespensantes' de currículos**. 2015. 241 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Educação e Humanidades, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <http://www.bdt.d.uerj.br/handle/1/10383>. Acesso em: 7 mar. 2026.

CALDAS, Alessandra da Costa Barbosa Nunes. **Redes de conhecimentos e significações e a divulgação científica em Educação – o caso do jornal eletrônico "Educação & Imagem"**. 2010. 180 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Educação e Humanidades, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: https://www.proped.pro.br/teses/teses_pdf/2008_1-381-ME.pdf. Acesso em: 7 mar. 2026.

DELEUZE, Gilles. **Diferença e repetição**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.

MENDONÇA, Rosa Helena. **Dicionário da Educação Audiovisual – Cineconversas**. Rio de Janeiro: [editora], 2023. Disponível em: https://educacao-audiovisual/dicionario-da-educacao-audiovisual_11.html. Acesso em: 1 mar. 2026.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. Currículos e pesquisas com os cotidianos: o caráter emancipatório dos currículos 'pensadospraticados' pelos 'praticantespensantes' dos cotidianos das escolas. *In*: FERRAÇO, Carlos Eduardo; CARVALHO, Janete Magalhães (Orgs.). **Currículos, pesquisas, conhecimentos e produção de subjetividades**. Petrópolis: DP et Alli, 2012. p. 47-70.

SORIANO, Mariana da Silva; SANTOS, Edméa. Incorporação da inteligência artificial nas aulas de matemática por meio da sua aplicabilidade no futebol. **Revista Interinstitucional Artes de Educar**, v. 11, n. 1, p. 170-190, 2024. "Dossiê: A Inteligência Artificial e Educação: debates críticos e boas práticas na escola básica e na educação superior". DOI:

10.12957/riac.2025.89147. Disponível em:

<https://scholar.google.com.br/viewLM7Y9cAGgC>. Acesso em: 28 jun. 2025.

TADEU, Tomaz. A arte do encontro e da composição – Spinoza + Currículo + Deleuze. **Educação e Realidade**, v. 27, n. 2, p. 47-57, 2002.

SOBRE AS AUTORAS

Nilda Alves. Doutorado em Ciências da Educação pela Université Paris Descartes, Paris V, França. Professora emérita da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Pesquisadora Sênior/CNPq. Currículo Lattes: <https://lattes.cnpq.br/4233172979202700>

Noale Toja. Doutorado em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Pós-Doutoranda na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Bolsa Pós-doutorado FAPERJ nota 10. Currículo Lattes: <https://lattes.cnpq.br/0478033503516577>

Alessandra Nunes Caldas. Doutorado em Educação pela University Arcadia, Estados Unidos. Diretora Adjunta do Espaço de Desenvolvimento Infantil da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro. Currículo Lattes: <https://lattes.cnpq.br/8577245649207967>

Como citar

ALVES, Nilda; TOJA, Noale; CLADAS, Alessandra Nunes. CONVERSAS ACERCA DA CIRCULAÇÃO CIENTÍFICA DO QUE É PRODUZIDO NAS UNIVERSIDADES EM OUTROS 'ESPAÇOSTEMPOS' EDUCATIVOS. **Revista Espaço Currículo**, v. 19, n. 1, e 78236, 2026. DOI: 10.15687/rec.v19i1.78236.